

# VORAGEM:

Aula com Félix Guattari

Cintya Regina Ribeiro<sup>51</sup>

Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci<sup>52</sup>

## Travessias

Conta-se que, em séculos passados, nas Antilhas, enquanto muitos espanhóis realizavam colóquios e despachavam missões de inquérito a fim de descobrir se os nativos que lá viviam possuíam aquilo que se denominava alma, esses mesmos nativos, então nomeados indígenas, dedicavam-se à tarefa de afogar os brancos aprisionados em suas incursões. Aos antilhanos, a empreitada parecia justa: experimentavam se os brancos que lá aportavam possuíam corpo, ou não. Alma sim, todos a possuíam, até mesmo um jaguar. Quanto ao corpo...

Embora semelhantes, corpos de homens brancos não pareciam partilhar as mesmas sensações experimentadas nos corpos de seus anfitriões. Mas afirmar isso já é obra de nossa fabulação antropocêntrica, um modo de fantasiarmos os motivos dessa antiquíssima arte antilhana a partir de coordenadas de homens brancos. Nada a saber sobre esse gesto dos homens das Américas, senão apontar-se desse efeito de assombro que nos invade, tornando-nos cúmplices desse não saber. Nada, senão imaginar que, enquanto os homens brancos inquiriam com o saber de suas afiadas línguas, os antilhanos sentiam com a sáudeza de seus frágeis corpos. E basta.

Antes soubéssemos fechar os olhos, a fim de nada enxergar, bem como tapar a boca, evitando, assim, o falar em demasia. Em espreita, como um velho xamã prostrado diante das mil margens de um rio, busquemos ouvir o moroso sussurro das sutis ondulações produzidas pelo encontro de elementos distintos – uma serpente adentrando a água. Nada a decifrar, apenas um mundo para escutar.

Quando o xamânico dançarino de butô Tanaka Min dança o seu transe, no meio da selva de *La Borde*, seus tortuosos passos confessam um vibrante silêncio. Em sua *folia(e)* sem fim, o xamã nada entoa. Em segredo, toma por par o universo inteiro. Conduz, mas também é conduzido. Sem sucesso, a câmera busca captar a poética desse seu ébrio bailado<sup>53</sup>. A linha

51. Doutora em Educação. Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

52. Mestre em Educação. Doutorando pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

53. O evento ocorreu na Clínica *La Borde*, instituição psiquiátrica fundada em 1951, na França, cuja ambição tornou-se crucial para o pensamento de Félix Guattari. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VgErye7jXbI&t=440s>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

perseguida pelo xamã Tanaka Min não pode ser capturada, invisível que é. Tortuosa, entrecruza-se com tantas outras, num emaranhado indefinido. Cada passo percorre um caos de sensações. Olhos esquivos observam, assistem inebriados, dançam.

Mas não convém persistir na linha ondeante traçada pelos passos tortos de Tanaka Min. Guardemos a sutileza de sua dança, o estardalhaço causado por um dançarino que toma como par o próprio cosmo. Precisamos somente do silêncio, de uma quietação cega para perseguir a linha tênue que daí irrompe, convidando-nos a percorrê-la, para, depois, lançar-nos no breu – oxalá!

E foi além, numa tarde qualquer da metrópole nervosa, que a tela negra se abriu, compelindo-nos a um enigmático jogo de claro-escuro. Uma serpente colombiana nos abraça, arrastando-nos a uma selva amazônica sem espaço nem tempo, com seus xamãs e seus homens brancos, suas perguntas intransigentes e suas respostas imantadas em suas próprias coisas. Não há bússolas a nos conduzir mata adentro, não há territórios a serem desbravados; apenas aqueles por inventar. Por não saber o caminho, deixamo-nos tragar pela escuridão. Mas antes, não: antes era diferente.

Costumava-nos abaixar a cabeça e brincar de rabiscar *chullachaquis*, imagens ocas, na esperança de transmutá-las em memórias. Na falta de bússola, sempre poderíamos contar com memórias como guia. Perder-se não era uma opção; nunca o foi. Aquilo que víamos, descoloria-se em nosso barulhento tracejar. Ouvíamos sempre um longínquo gargalhar, vindo não se sabe de onde. Provavelmente, era coisa de algum velho xamã – Tanaka Min? –, divertindo-se ao observar o modo como atribuíamos contorno ao mundo que nos cercava, sem atentarmos para que tudo se conectava com tudo. *Ecosofia*, sussurrava (GUATTARI, 2012a). Fazíamos barulho naqueles tempos – muito barulho. Perguntávamos coisas, anotávamos imagens. Faltava-nos fôlego. Não escutávamos nada.

E a serpente colombiana, tal qual um velho xamã, espreitava silenciosa o ruidoso andar nosso. Não carregava nenhuma questão consigo, pura escuta que é. Sentia as vibrações do solo de um modo que nós, silenciados por tantos e tão antigos inquéritos, éramos incapazes de sentir. E foi naquele momento, tarde cinza qualquer na metrópole nervosa, que a linha que perseguíamos cruzou-nos o caminho e, desse encontro, restamos reféns do fatal. Afogados por seu abraço, calamo-nos finalmente. Dançamos como nunca antes, naquela tarde.

E, depois, vimo-nos prostrados no chão, e instintivamente colocamos nossas ruminações de lado e, com um gesto vagaroso, afagamos a serpente que nos sufocava, a fim de não nos deixarmos apagar.

Abandonamos a preocupação pelo amanhã, ou a lembrança do ontem, a fim de habitar a iminência do sem-tempo. Violentamente, passamos a acariciar úmidas escamas, em princípio, e, depois, adotando um moroso movimento e inebriados por um lento embalar, cedemos. Num curto átimo, eis que fabulamos com saberes outros, inenarráveis. Conhecimentos antigos, pertencentes a todos: homens, animais, rios, florestas etc. Inventamos territórios. Depois, mais nada. Restamos entregues, homens brancos afogados. O escamoso bicho, por sua vez, retorna ao escuro mais profundo da tela negra, aguardando a companhia de outros tantos homens brancos, talvez. Assim o é, desde tempos ancestrais.

A película, o pasmo, a linha, o silêncio. O movimento serpeante da travessia dos homens abre a profundidade da tela, sopra-lhe uma atmosfera e nos draga, fatalmente. Uma franca ocupação.

O primeiro homem branco chega e, em busca da planta mágica, conclama o jovem xamã à cruzada. Quarenta *chronos* depois, o segundo homem branco traz às mãos o livro do primeiro, convocando o velho xamã à outra jornada, clamando-lhe pela possibilidade de que, na posse devoradora da planta, possa sonhar.

Entre o etnologista alemão, o etnobotânico norte-americano e o xamã colombiano, uma multiplicidade de homens se encontra num único *aión*, “no tempo sem tempo, ontem, há 40 anos, talvez 100. Ou há um milhão de anos” (O ABRAÇO..., 2015).

Travessias se fazem, porém, à revelia de seus andarilhos. E cada qual segue uma linha, cruza outras tantas, até o momento em que algumas se confundem, transmutando seus perseguidores e baralhando seus interesses. Busca-se, e isso é tudo. *Yakruna*, a planta, é pura contingência indevassável que tão somente os impele a. Ponto.

Diziam, antigamente, que era preciso transmutar *yakruna* em bebida sagrada, *caapi*, para, assim, salvar os homens brancos de suas doenças inquisitivas, fazendo-os sonharem outra vez. Quem o disse não foi um homem branco; este, limitado pelo espaço e pelo tempo de seus inquéritos, nada poderia saber. Bússolas constrangem etnólogos e etnobotânicos a percorrerem os estreitos caminhos da selva, sempre a lhes impor o viver. Mas, na selva amazônica sem espaço e nem tempo, essa arte é de pouca importância.

Na dança com a ziguezagueante linha rasteira traçada pela serpente, as coisas-memórias perdem significado, deixam de indicar caminhos. Não há nada além ou aquém do instante produzido por esse encontro. Quanto mais os homens brancos lutam, no anseio de não perder suas coisas tão preciosas, mais sufocados restam.

Era um contato que exigia – ou impunha – uma entrega, um esquecimento do próprio corpo. Era preciso deixar-se enlaçar pelos círculos escamosos, deixar-se ser conduzido para conduzir. Para ser digno de tal afogamento, seria necessário operar uma revolução. Essas mutações xamânicas não implicam outra maneira de pensar o mundo apenas, mas uma modificação sensível radical. Escutar, mais do que falar; fabular, mais do que ver; criar, mais do que conquistar. Para aqueles que habitam densas florestas de pedras, trata-se de buscar operar uma mudança “no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular com o tecido urbano, com os processos maquínicos de trabalho e com a ordem social suporte dessas forças produtivas” (GUATTARI; ROLNIK, 2008, p. 34). Deixar de ser quem se é, para ser travessia apenas. Seguir o fluxo, até o momento derradeiro no qual homem, serpente e floresta tornam-se multiplicidade: não uma coisa com outra e mais outra, mas uma coisa e outra e outra... Infinito instante, efêmera eternidade, impossível de ser captado pelo minucioso tracejado de nossos *chullachaquis*. Toda uma estética, porém sob um novo paradigma.

E há perigos, como em todo enlouquecer de corpos. Prudente é evitar olhar para os profundos olhos do jaguar. Quando o etnólogo alemão os vê, acaba adenrando linhas perigosas, alucinatórias. Irrompe em fúria, recusando-se a escutar o silêncio mais superficial sussurrado pelo sibilar da serpente. Karamakate havia lhe avisado:

A selva é frágil, e, se você a ataca, ela revida. Ela só nos deixará viajar se a respeitarmos. Não devemos comer carne ou peixe até que a chuva volte e peçamos permissão ao Dono dos Animais. Não podemos cortar nenhuma árvore pela raiz. Se encontrarmos uma mulher, não faz sexo até a Lua mudar. Aceita? (KARAMAKATE apud O ABRAÇO..., 2015).

Tantas prescrições, a fim de evitar deixar rastros para o jaguar.

Em princípio, o etnólogo havia aceito. Entregou-se mansamente aos carinhosos círculos espiralados da serpente, a seu afável sibilo. Deixou-se ser conduzido e conduziu. Mas o jaguar, ardilos e arisco, cruzou-lhes o caminho. Abocanhando com fúria a serpente, afrouxando o abraço, tomou o homem branco como par. Prendeu novamente o etnólogo alemão a seus saberes, a seus inquéritos de homem branco, e calou o silêncio capaz de conduzi-lo ao mais além. O jaguar, tocaia iminente em qualquer cruzada, quebra a linha e estanca o fluxo. Decifra-me ou te devoro. Terrível triângulo *jaguarístico*. Quem é você: comida ou caçador? Papai ou mamãe?

Com quatro patas, não se dança. São os perigos de seguir floresta adentro, copulando com outros territórios.

Para habitar *aión*, há que se sustentar aquele chamado abissal, inominável – puro enigma imanente. Karamakate, o xamã, é assombro que nos cala. Ele persiste em seguir em companhia, conduzindo, ainda que nada saiba desse excuso. Então, as coisas se fazem corpos, entretecem-se abraçando-os em *redemunho*: de repente, é o xamã quem se flagra na entrega à condução do outro que a tudo desconhece. Ambos agora, em cumplicidade compulsória, nada sabem. Juntos, múltiplos, nomadizam.

O jaguar, em espreita, busca abocanhar-lhes. Ataca agressivamente. Jaguar, Jesus, memória de um povo, rosto de uma conquista. O jaguar não habita o tempo sem tempo, pelo contrário. Seu tempo é aquele limitado por *chullachaquis*, tempo de ardis. Com seus fundos olhos verdes, encara a superfície anelada da serpente e arma o bote. Karamakate, atento às pegadas do jaguar e às armadilhas do felino caçador, sussurra sopros xamânicos. Afasta o jaguar. O etnobotânico americano prossegue então em sua linha, cruzando-a com as linhas daquele que move o mundo, daquele que só sabe escutar. Ensaiam uma dança singular, conduzem o universo a rumos desconhecidos. Aquilo a que chamamos memória, as coisas-memórias, são enfim esquecidas, restando apenas o necessário para a dança. Seguir a linha, habitar cruzamentos, evitar o jaguar. Eis o que importa.

E antigos xamãs comentavam: um sonho não se compartilha, tampouco uma linha; ele apenas se cruza com tantos outros sonhos, tantas outras linhas, criando caminhos inéditos, nunca antes percorridos. Não há norte capaz de nos guiar, tampouco memória: apenas um vacilante ziguezaguear. O que anima tanto tateio? Não é uma falta a ser suprida, oco fundante, sem fundo, mas um desejo, essa pura exuberância que se oferta à vida, multiplicando suas composições. Desejo, verbo intransitivo, signo de recusa a qualquer substantivação: esse sonhar, esse tomar o universo como par, esse inebriar-se em linhas e traçados apenas, esse nomadizar-se. Quando o mundo deixa de ser apenas coisas-memórias, devém floresta de infinitas veredas: outros sonhos, outras maneiras de sentir. Oportunidade para invenção de territórios existenciais, *ecosoficamente*. Evoé.

*Yakruna* impele-nos a fabular, a aceitar o enovelar-se na serpente. Ninados por um silencioso sibilo, afogamo-nos. Fôlego cada vez mais curto. Floresta densa, mata escura. O jaguar, perigo. Dança xamânica. Silêncio.

## Veredas

Então, quando o brasileiro Mario de Andrade (2001, p. 13) encontrou a escrita sangrada do homem branco alemão morto na selva, o

espanto fez virar múltiplo e “no fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma”, o herói de todos os caracteres, nômade no tempo e no espaço. Epopeia antiga, passada de boca em boca, de escrito em escrito. História de muitas cores e sons, sensações muitas a experimentar, e perigos iminentes. O jaguar, sempre à espreita, também está lá. Foi um jaguar *fiat* que levou o herói de nossa gente para a armadilha do gigante Venceslau Pietro Pietra. Não fosse a preguiça, poderíamos narrar as aventuras de Macunaíma com mais vagar.

Ocorre que a selva mudou de cor quando o colombiano Ciro Guerra, devorando os diários dos exploradores brancos, abraçou-a em plenitude. Tomando-a como par, arrebatou-lhe em película silenciosa, antropofagicamente, vertendo-a em coisa outra. Porém, solenemente, ele nos alerta: “estábamos conscientes de que si la selva no nos dejaba entrar o nos daba su permiso iba a ser imposible filmar” (OCHOA, 2016). O homem colombiano conduz seu passo em consonância com o som da serpente, pedindo permissão para o Dono dos Animais, respeitando o denso mato-virgem, não cortando nenhuma árvore pela raiz. Também tomando cuidado em não cruzar o caminho do jaguar, com sua exuberância felina.

No silêncio preto e branco da sala de cinema, na biblioteca-babel de Mario, na câmera deferente de Guerra, nas fotografias dos diários de Theodor, nos desenhos herbais de Richard, na escuta abismal de Karamakate e seu outrem, no assentimento da selva, na abundância do rio de mil margens, na espera paciente do tempo sem tempo, no abraço da serpente – em toda parte que banhamos nossos corpos, a ocupação assim estilizada parece exuberar aquilo que chamaríamos, por insuficiência de nossa linguagem, de um *ethos*.

Num átimo, as ardilosas veredas do sagrado parecem já estender seus tentáculos de transcendência, seduzindo nosso pensamento indolente. Mas há que estancar o corpo com veemência, recusando a atmosfera metafísica que insidiosamente parece reclamar presença, como se pleiteasse a condição sagrada de espírito movente de todos esses acontecimentos... Sempre as garras do jaguar a nos cortar o fluxo, impedindo-nos de saltar.

Se há algo que exala em toda parte não é um *ethos* etéreo, fundacional, ao modo de assinatura de deus. A cada encontro de pessoas e coisas e, e, e... – essas matérias-força mundanas – algo irrompe, diferido e inominável, engendrando outras sensações. A cada linha que se cruza, novas e silenciosas movências se dão. Trocamos passos, cruzamos as pernas, sentimos a mudança da batida e buscamos compor com o ritmo do universo. Um ébrio bailado ecosófico.

Eriçados por uma sensibilidade extrema, arriscamos enunciar que somente um gesto intempestivo de profanação desse além-mundo – mítico, fundador, senhor do tempo e do espaço – parece incitar a criação de um *ethos* outro, radicalmente singular, já que nascido de inexorável contingência.

Deuses que não dançam não devem, pois, conduzir. Dançar se faz a dois ou mais – infinitos –, quando de um encontro bom, alegre. Arrebatamos o par num apertado abraço e serpenteamos selva adentro, no mais absoluto silêncio. Outros encontros acontecem, territórios para experimentações de outros tantos passos. Sentidos alertas, porte de xamã. Só há dança quando sonhos se cruzam, se não restam apenas corpos sincronizados. Fabular caminhos. Produzir e suportar a contiguidade – eis o segredo. No intervalo entre uma sensação e outra, lá, onde sujeitos abdicam de o serem, pactuando de uma radical transversalidade subjetiva, inventa-se uma vida.

Um universo incorporal, carente de coordenadas precisas. Dizem que é como no carnaval, festa pagã em que cabem todos os santos e nenhum ao mesmo tempo, quando as baianas começam a girar e girar e girar e... Uma boa dezena de mulheres a rodar, deslocando-se. Rumo a? Isso é pergunta jaguarística. Cada aproximação de corpos, cada cruzamento de linhas, produz um sutil, e alegre, movimento. Apenas isso. O indivíduo cede espaço para a benfazeja multiplicidade. Não se trata de uma ala carnavalesca, como querem nos fazer crer os jaguares capitalísticos, composta por determinado número de mulheres e ocupando determinado local na passarela em determinada hora; antes, lidamos com um território. Belas mulheres a bailar, senhoras, trajadas em luxo, esmeradas. Estão longe de ser *chullachaquis*, formas vazias. Dizem que riem enquanto dançam. Trocam olhares, contam causos. Vivem para isso, isso as faz viver. É a gira. Relações erigidas a partir do entrecruzamento de linhas infinitas, desenhandando outras tantas linhas em seu bailado. E isso não é lá um território, meu rei? “Territórios, então, jamais dados como objeto mas sempre como repetição intensiva, lacinante afirmação existencial” (GUATTARI, 2012b, p. 41). Macunaíma esbalda-se nesse delicioso cortejo pagão.

E, uma vez mais, um universo incorporal pois, carente de coordenadas precisas. E há aqueles que vivem a condenar essa gira, dizendo: o diabo no meio do redemoinho... O diabo. O anhangão. O anjo-caído. O apôrro. O aquele. O arrenegado. O austero. O azárape. O azinhavre. O barzabu. O bode-preto. O cafofo. O canho. O canhoto. O cão. O cão-extremo. O cão-miúdo. O capeta. O capiroto. O caracães. O careca. O carocho. O coisa-má. O coisa-ruim. O coxo. E por aí vai. Tantos contornos para tão escasso acontecimento, o redemoinho. Mas, mire e veja, o grande proseador Guimarães Rosa (2001) não arrenegou coragem e pensou: para descobrir se o diabo existe, ou não, só enveredando por essa picada. E aí, bem... travessia. Atravessando, seguindo uma linha qualquer – linha-Riobaldo –, descobre-se tanto. A vida acontece nos entrementes, seu moço. Não se sabe de antemão, mas é preciso ter pulso firme. Mas

essa, também, é outra história. E é preciso deixar de ser, desejando seguir apenas... Tarefa hercúlea essa. Perder-se na densa mata de nossos encontros contingenciais, sem franqueamentos ou certezas. Sem nada saber, adentrar com passos tortos, tateantes.

Dizem que, ao borrarmos os precisos contornos dos *chullachaquis*, deixamos o universo vagar livremente. Os corpos se encontram, as linhas se cruzam. As coisas-memórias transmutam-se, e passamos a habitar o caos. Nem homens, nem coisas: é sempre uma vida – e tão somente uma vida – aquilo que se faz matéria de um *ethos*. Mas tal gesto não possui salvo-conduto. Ao contrário. Por exigir o rechaço ao furor identitário, abstraindo todo o elogio à consciência, faz proliferar *la folie* do pensamento, caotizando, assim, todas as superfícies existenciais.

Tornar a loucura uma vida para o pensamento – eis a torção a um só tempo política, estética e ética. Mas, assim enunciada, a afirmação pode soar retórica demais. Abandonemos esse sedutor chamado de um virtuosismo panfletário. Não apregoemos a revolução; antes, flertemos com algo mais micro. Não obstante, é da própria guerra que se trata aqui, do perigo enunciado pela presença do jaguar. E combates exigem aliados e outras armas e outras vidas e mais além. E aprende-se a lutar na própria luta. Nada aquém ou além dali. E, dançando, criamos um passo.

Aqui, a luta é radicalmente política, porque implica afirmar a vida, lá onde se ouvem os ruídos de seus estertores. Convoquemos aliados!

Somente sensibilidades extremadas podem fazer uma política metamorfosear-se numa ético-estética existencial. Tocar a poética de uma política seja, talvez, nosso maior desafio num mundo contingenciado pelas coisas-memórias, esses vigilantes olhos de bússolas. Viver sem norte, sem o peso das doenças inquisitoriais que assediam tantos homens brancos. Abrir-se ao puro desejo, à *poiesis* do desejo. Fabulação pura, criação concreta. Outros possíveis, ricos possíveis. Vozes xamânicas cantam-nos aos ouvidos: “Existe uma escolha ética em favor da riqueza do possível, uma ética e uma política do virtual que descorporifica, desterritorializa a contingência, a causalidade linear, o peso dos estados de coisas e das significações que nos assediam” (GUATTARI, 2012b, p. 42).

Profanemos arenas onde se travem outras guerras! Alimentemos de outro sangue! Roubemos outras armas! Chamemos guerreiros!

Impõe-se, para a vida do pensamento, sequestrar e transgredir gestos de outros homens para cavalgar no inaudível, calar o mantra da memória, pactuar com o não saber. Impõe-se a uma existência digna desse nome, “enviar ao porvir um traço que atravesse as eras” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 9).

Entregues ao mistério dessas sensações de força, aceitemos o empuxo do rio de mil margens a nos lançar a Loire River, esse rio outro, a partir do qual podemos sentir os bosques franceses respirarem seus loucos.

Não! É de algo muito além de uma instituição psiquiátrica cravada no vale desse rio que se trata aqui. Por que não dizer que é também de um chamado de guerra que falamos, quando o menino Félix, agora feito homem de 25 anos, parte para habitar o antigo castelo de *La Borte* e encontrar-se com os guerreiros Tanaka Min, esses xamãs dançantes?

São os olhos cor-de-água desse moço que nos paralisam agora, em mil margens de silêncio. Escutemos Guattari (2012b, p. 123): “quem fala em criação, fala em responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada”. Impossível passar incólume por essa alquimia de palavras: urge tomar uma criação como uma erupção genealógica indissociável do gesto de cuidado que lhe sustém como nova forma no mundo. Assim, lutar pela presença afirmativa de linhas disruptivas no fluxo da vida exigiria de nós, como contrapartida, o desvelo com tal acontecimento. Sermos dignos da água que nos afoga, nós, homens brancos. Minimalistas, tais palavras nos calam, fazendo falar o indizível de uma ética.

Abrir passagem a uma forma outra no mundo; fazê-la circular nas bordas do já conhecido; afirmar sua destinação de alteridade radical. É de materialidade política que se estetizam tais ações.

Num vórtice, ética, estética e política se transmutam em fogo de dragão – eis a ocupação-Guattari na história do pensamento. “Mas essa escolha ética não mais emana de uma enunciação transcendente, de um código de lei ou de um deus único e todo-poderoso” (GUATTARI, 2012b, p. 123). Contorcendo todas as acomodações das filosofias que dispõem, entre céu e terra, o transcendente e o imanente, aqui a imanência se constitui radicalmente como uma prerrogativa política radical.

Assim, o destino tece suas redes. Homens com olhos cor-de-água atravessam os corpos dos homens de Vincennes que desfilam com seus chapéus elegantes e seus cigarros intermináveis, para não falarmos de suas compridas unhas (DOSSE, 2010). Sequestram-se; depois, nós os sequestramos; mais além, sequestramo-nos a nós mesmos.

Foram múltiplos roubos. Chegaram Kant, Hume, Spinoza, Nietzsche, Freud, Lacan etc. E então chegou Édipo, e depois Kafka e, assim, tudo se multiplicou em mil planícies. Daí, um testemunho: “escrevemos o *Anti-Édipo* a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. [...] Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11).

Num efeito performativo de extrema contaminação afetiva (GUATTARI, 2012b), aciona-se, no corpo-pensamento do professor

de Vincennes, “um movimento de politização radical de sua filosofia da diferença e do acontecimento” (GADELHA, 2009, p. 235).

E houve, depois, ou entre tudo isso, outros tantos encontros, como aqueles nos quais corpos de brasileiras entregaram-se com deleite ao afogamento. Mergulharam de cabeça no azul mais profundo do homem com olhos cor-de-água. Era tamanha a abundância que um transbordamento veio irrigar terras secas, longínquas. Fizeram viagens, sonharam juntos... Travessia. Cartografaram mais do que muitos conquistadores, mas seus mapas eram estranhos, singulares. Não possuíam contornos, nenhum *chullachaqui* os ilustrava. Forças, sim. Potências silenciosas, fugidas, micro. Difíceis de serem capturadas, em suma.

Nessa terra seca, conta-se, o homem com olhos cor-de-água deliciou-se ao irrigar processos de singularização alheios, aquilo que ele chamava de modos de “simplesmente viver, sobreviver num determinado lugar, num determinado momento, ser a gente mesmo” (GUATTARI; ROLNIK, 2008, p. 81). E que não tem nada a ver com identidade, mas “com a maneira como em princípio todos os elementos que constituem o ego funcionam e se articulam; ou seja, com a maneira como a gente sente, como a gente respira, como a gente tem ou não vontade de falar, de estar aqui ou ir embora” (GUATTARI; ROLNIK, 2008, p. 81). Eram palavras de um velho xamã, que deviam ser sovadas, diluídas e engolidas em minúsculos goles para serem devidamente apreciadas. Embebedar-se de tanta água, torrencial cachaça que jorra de tão diminuto manancial.

Jaguares, com sua língua jaguarística, atacavam: então, você quer dizer que isso deve ser assim? Decifra-me ou te devoro. O homem com olhos cor-de-água, no silêncio de suas mil margens, a tudo prestava atenção e gargalhava. Escapava dessas ardilosas armadilhas nomadizando, *abrasileirando-se*. Ao lado da brasileira afogada, o homem dos olhos cor-de-água adentrava um devir-tupiniquim. Adquiria malemolência para combater com os ardilosos jaguares. Ambos os corpos seguiam juntos, criando as suas linhas, emaranhando-se com o universo. Dançavam ao som de tambores maquínicos, giravam tal qual uma ala das baianas, exuberante, na passarela. Cada qual maquinando o desejo, articulando singularidades em prol de territórios por vir. Para onde? Não sabiam, não sabemos... nunca saberemos. Eis uma falsa questão, eis nossa escravidão.

E agora, quando chegamos nós, com todas as linhas de passagem à flor da pele, trazemos o coração valente, dançando seus ritmos de sangue. O que todos esses velhos xamãs insistem em nos dizer? Escutemos...

## Partidas

Nada acontece. Tudo acontece. Um triz do tempo. Um raio. Um ligeiro virar das mãos. Um rasgo na voz. Um ar que falta. Um tropeço. Um risco. Um olhar cor-de-água. Uma serpente que chega. Uma aula. Um corpo em transe. Uma espera. Um roubo. Um jaguar que insiste. Um oco de tempo. Nada acontece. Tudo acontece. Um sonho. Um rio que aguarda. Mil platôs. Uma ocupação. Um retorno. Um aforismo. Uma devoração. Uma dança. Uma genealogia. Um átimo. Um conceito. Um sopro. Uma militância. Uma sensação. Um suspiro. Uma memória que parte. Uma vida. Um corte. Uma contaminação afetiva. Uma palavra tatuada. Uma disruptão. Um escrito infernal. Um inominável. Um vício. Uma miséria. Um estilo. Uma morte. Uma linha. Uma *poiésis*. Uma doença. Um pensamento. Um tom que persiste. Uma planta. Uma violência. Uma velocidade. Um desvio. Nada acontece. Tudo acontece. Um ritornelo. Um rebanho. Um espírito velho. Uma dúvida. Uma partida. Uma bússola. Uma entrega. Um caos. Um cosmo. Um porvir. Uma dobra. Uma filosofia. Um niilismo. Um desejo. Um traço. Um abandono. Um encontro. Um gesto. Uma aposta.

Um vento que vem do sul, nômade.

## Referências

- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Garnier, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- \_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- GADELHA, Sylvio. Legados efeitos de Félix Guattari. *Revista Lugar Comum*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 227-244, jan./dez. 2009.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2012a.
- \_\_\_\_\_. *Caosmose*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: 34, 2012b.
- \_\_\_\_\_; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- O ABRAÇO da Serpente. Direção: Ciro Guerra. Produtor: Ciudad Lunar Producciones, 2015. 1 DVD (125 min), son., color.
- OCHOA, Alejandro Cárdenas. El viaje de transformación de 'El abrazo de la serpiente'. *El país*, Madri, 6 de maio de 2016. Disponível em: <[http://cultura.elpais.com/cultura/2016/05/05/actualidad/1462470402\\_556178.html](http://cultura.elpais.com/cultura/2016/05/05/actualidad/1462470402_556178.html)>. Acesso em: 20 dez. 2016.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.